

LIONEL, Aurelia

A livraria do Convento da Arrábida: 1542-1834

Lisboa: Edições Colibri, 2020. 198 p. ISBN 9789896899561

FERNANDA MARIA GUEDES DE CAMPOS

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2021.10395>Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal;
CHAM – Centro de Humanidades, Universidade Nova de Lisboa <https://orcid.org/0000-0001-7509-3078>

A obra que agora se analisa tem origem na dissertação de Mestrado em Ciências da Documentação e Informação, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, elaborada pela autora sob orientação de Carlos Guardado da Silva, diretor do Mestrado. A escolha do tema é tanto mais de louvar quanto o conhecimento que se tem sobre as antigas bibliotecas religiosas tende a privilegiar as coleções das grandes bibliotecas. O conhecimento dos fundos de bibliotecas de menor porte (mas em maior número) será sempre fundamental para o estudo do que se lia nos conventos e mosteiros. Se as primeiras são, por assim dizer, a “exceção”, as segundas são, sem qualquer dúvida, a “norma” do que foi a cultura e a circulação de ideias, em Portugal, consubstanciada na posse de livros no ambiente monástico-conventual.

Após uma introdução e uma apresentação da metodologia escolhida, o estudo inicia-se por uma revisão da literatura no que diz respeito às bibliotecas conventuais, focada essencialmente em aspetos como a constituição e escolha dos fundos, e ainda as práticas de organização e de leitura. A análise é cientificamente correta. Rigorosa, abrangente, cumprindo os princípios científicos indispensáveis, tem ainda o mérito de ser sucinta e de boa leitura. No segundo capítulo, contextualiza-se o surgimento do Convento de Nossa Senhora da Arrábida e fornecem-se elementos de grande interesse sobre as suas instalações e comunidade, neste caso com minuciosas listas dos frades arrábidos e informações biográficas sobre os mais relevantes. ao longo dos tempos. Um breve, mas muito ilustrativo apontamento sobre a “Livraria” Velha e Nova precede a análise do fundo bibliográfico, capítulo naturalmente mais extenso pois é o objeto de estudo.

Não é esta a primeira obra dedicada à biblioteca do convento da Arrábida e, aliás, a autora cita-a sempre que necessário. Todavia, verificamos neste estudo uma abordagem que, sem descuidar, como vimos, a contextualização histórica, privilegia a aplicação dos modernos princípios da Ciência da Informação. Assim, partindo do conhecimento das dimensões cronológicas e espaciais da biblioteca, a autora apresenta-nos no capítulo IV as linhas mestras da composição e organização da coleção. De destacar o detalhe na recolha dos elementos nos dois instrumentos de trabalho que servem de fonte a este estudo: o catálogo preparado em 1769, em cumprimento da Lei de 10 de julho que obrigava os detentores de livros a fazer e entregar um rol para posterior exame; o inventário de extinção de 1834 que verificamos, respetivamente, nos Anexos 1 e 2.

Para além da transcrição fiel dos conteúdos, a autora procedeu a um tratamento informático da informação, que fica refletido em diversas tabelas e gráficos devidamente interpretados. Pela análise das áreas do conhecimento representadas, mas também na caracterização da

coleção em termos editoriais (línguas, âmbito cronológico e geográfico) obtém-se um retrato da biblioteca que a exemplificação de algumas obras que a integravam torna mais informativo e sustentado. Uma referência, ainda, para a bibliografia que é rica e bem adequada ao tema do estudo.

Em suma, trata-se de um estudo de grande mérito que honra Aurelia Ionel e o seu orientador Carlos Guardado da Silva e que pode servir de modelo para outros trabalhos de investigação em torno de bibliotecas religiosas, um património ainda pouco trabalhado, mas relevante para um conhecimento mais fundamentado sobre o que se lia em Portugal no Antigo Regime.